

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E PENSAMENTO CRÍTICO DOS INTELECTUAIS: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

BERGAMO, Edmir Aparecido
Faculdades Integradas Camões
edmirbergamo@yahoo.com.br

Resumo

A formação dos intelectuais para Gramsci estava ligada a uma compreensão da concepção de filosofia da práxis, porque essa filosofia transformava homens que pensavam ao nível do senso comum, em homens críticos, em verdadeiros políticos. Para Gramsci todos os homens eram filósofos mesmo que a seu jeito e dentro de um determinado limite. Assim, é necessário apenas incentivá-los, filosófica e politicamente, a superar essa concepção do senso comum. Este deve ser o papel exercido pelos professores em sala de aula em relação a seus alunos como intelectuais orgânicos, incentivar os seus alunos a se transformarem em homens críticos, em verdadeiros políticos. Por isso a preocupação com a boa formação dos professores tem sentido em nosso contexto brasileiro que carece de um ensino de qualidade nas escolas públicas. Assim, esta preocupação tem que se estender desde a faculdade, uma vez que depois que saírem do seu curso e se tornarem professores dos alunos nas escolas públicas, façam um trabalho para transformarem simples alunos em grandes intelectuais de sua classe social. O objetivo deste trabalho é tentar entender como os professores podem ajudar nesse processo de transformarem os alunos em intelectuais de sua classe social. O grande problema a ser desenvolvido nesse trabalho é a discussão em torno da formação dos professores, que muitas vezes na faculdade não recebem uma formação adequada, não são transformados em intelectuais e por isso não conseguem também estimular os seus alunos a serem intelectuais de sua classe ou comunidade. O método de análise desse trabalho é o dialético, por isso as referências para essa análise da formação dos professores, com sua posterior exercício de atividade na rede pública é Antonio Gramsci, porque dentro da visão de Gramsci são analisadas todas as categorias como: o aluno, o próprio professor, etc...Isto permite concluir que a formação dos professores hoje é deficitária uma vez que eles não são transformados em intelectuais de sua classe social enquanto estão na faculdade, e isso impede em transformarem seus alunos também em intelectuais.

Palavras-chave: Organização; Políticas; Intelectuais; Formação; Professores.

A formação dos intelectuais para Gramsci

A formação dos intelectuais para Gramsci estava ligada a uma compreensão da concepção de filosofia da práxis, porque essa filosofia transformava homens que pensavam ao nível do senso comum, que mesmo assim eram filósofos, em homens críticos, em verdadeiros políticos. No sentido que para Gramsci todos os homens eram filósofos mesmo que a seu jeito e dentro de um determinado limite. Contudo, era necessário incentivá-los, filosófica e politicamente, a superar essa concepção do senso comum.

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea” peculiar a “todo o mundo” (GRAMSCI, 1995, p. 11)

Isto quer dizer filosofia para Gramsci era mais do que uma atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados. Filosofia para Gramsci era um exercício espontâneo peculiar de todo o mundo, desde que se entendesse em quais limites e características essa filosofia era concebida. Nesse sentido, “o resultado é, no mínimo, revolucionário. As perspectivas da filosofia da práxis delineadas por Gramsci rompem com a certeza e arrogância de um saber abstrato e isolado”. (SEMERARO, 2001, p. 111) No sentido que este saber abstrato impedia que os homens mais simples se vissem como filósofos e quisessem buscar fazer parte de concepções filosóficas cada vez mais críticas.

Contudo, mesmo Gramsci respeitando essa filosofia espontânea peculiar a todo mundo, ele estimulava os homens a sair dessa fase espontânea e inconsciente. Isto porque para o homem ampliar essa visão de filosofia, era preciso superar essa fase espontânea, pois aos homens enquanto filósofos deviam preferir sempre caminhar rumo a uma nova concepção de mundo crítica. Era preferível a todos os homens pensar por meio “de uma maneira crítica e consciente”. No sentido que:

É preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, ... ou é preferível elaborar a sua própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade. (GRAMSCI, 1995, p. 12)

Nessa visão de Gramsci, sem nenhuma dúvida, o homem tinha que abolir gradativamente esse método de preferir pensar de uma maneira desagregada e ocasional, e optar por elaborar a sua própria concepção real do mundo, para ser guia de si mesmo. Tornar-se guia de si era uma atividade que envolvia a quebra de várias barreiras, uma vez que o homem a partir desse momento deixava de aceitar do exterior a marca de sua própria personalidade e buscava desejar participar ativamente na produção da história do mundo.

Como apontava Gramsci “a filosofia da práxis deriva certamente da concepção imanentista da realidade, mas desta enquanto depurada de todo aroma especulativo e reduzida a pura história ou historicidade ou a puro humanismo” (Apud, SEMERARO, 2001, p. 103) Em outras palavras o homem ao pensar por meio da filosofia da práxis, se recusava a ser passivo na realidade histórica, em aceitar ingenuamente todas as informações, e procurava ter uma perspectiva crítica dessas informações.

Assim, para Gramsci a questão do homem pertencer a uma concepção filosófica ingênua deixava de ser desculpa para impedi-lo de progredir rumo a uma concepção de mundo crítico. Mas, pelo contrário, juntamente por ser filósofo precisava utilizar esses conhecimentos limitados dessa filosofia espontânea que estavam á seu alcance naquele momento, para alcançar a consciência concreta de uma filosofia crítica.

A história da filosofia, como é comumente entendida, isto é, como história das filosofias dos filósofos, é a história das tentativas e das iniciativas ideológicas de uma determinada classe de pessoas para mudar, corrigir e aperfeiçoar as concepções do mundo existente em todas as épocas determinadas e para mudar, portanto, as normas de conduta que lhes são relativas e adequadas, ou seja, para mudar a atividade prática e seu conjunto. (GRAMSCI, 1995, p. 32)

Porque era exatamente nessa fronteira da luta para adquirir consciência crítica que a filosofia da práxis adquiria força propulsiva para orientar as decisões da classe. No sentido que essa filosofia da práxis tentava tornar para cada homem a história concreta, completa e integral, o que culminava em uma determina direção. Assim, essa filosofia da práxis demonstrava aos homens que a filosofia e a história formavam um verdadeiro bloco histórico, ou seja, maturação de uma socialização orgânica entre dirigentes e dirigidos, intelectuais e povo nação, forças objetivas e forças subjetivas. (SEMERARO, 2001, p. 111)

Mas, nesse método de demonstrar como se chegava a essa concepção da filosofia da práxis para os homens simples que estavam no senso comum ainda, que esta forma nova de filosofar era vista como uma atividade polêmica. Na perspectiva que nesse caminho para o desenvolvimento da inovação de uma atividade já existente no senso comum, ou seja, a compreensão concreta da filosofia da práxis, necessariamente o homem chegava a fase de superar a sua própria maneira de pensar precedente. Gramsci, dentro dessa ótica colocava:

Uma filosofia da práxis só pode se apresentar, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E, portanto, antes de tudo, como crítica do “senso comum” (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que todos são filósofos e que não se trata de introduzir ex novo uma ciência na vida individual de todos, mas de inovar e tornar “crítica” uma atividade já existente). (GRAMSCI, 1995, p. 18)

Por isso, mesmo que a filosofia da práxis se alimentasse no início das informações do senso comum para se fortalecer, criar estrutura de pensamento crítico e coerente. Esta filosofia sempre acabava por se distanciar da visão desse senso comum, isto uma vez que era impossível uma atividade que se contentasse em ficar na fase de um raciocínio ingênuo e mecânico, quando ela adquiria essa característica crítica.

Dentro dessa visão, uma das principais características da filosofia da práxis era sempre desejar superar a maneira de pensar do senso comum, mesmo que a sua posição crítica de filosofia tivesse início no próprio senso comum. Segundo a explicação de Semeraro (2001, p. 110) mais do que determinar novas verdades teóricas e categóricas do senso abstrato numa atividade intelectual pura, a filosofia da práxis reelabora e socializa verdades já existentes no senso comum, aprofundando suas conexões e alargando ao nível das massas as dimensões universais de cultura.

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: O PAPEL DOS PROFESSORES NA FORMAÇÃO DOS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS DENTRO DA VISÃO DA FILOSOFIA DA PRÁXIS.

Assim, para que se tornasse possível filosófica e politicamente um progresso intelectual de massa, e jamais de um pequeno grupo de intelectuais separados, era preciso que as pessoas se percebam intelectuais daí a necessidade de uma boa formação dos professores que são a ligação entre os alunos e a sociedade. Nesse sentido, a preocupação de Gramsci era em relação a um crescimento crítico de todos os homens para que fosse possível forjar um bloco intelectual moral coeso criticamente. Nas palavras de Gramsci:

A filosofia da práxis não busca manter os “simplórios” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar atividade científica...mas justamente para forjar um

bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupo de intelectuais. (GRAMSCI, 1995, p. 20)

Mais do que simplesmente dizer que todos eram filósofos, Gramsci queria era que cada homem pudesse participar ativamente numa concepção de mundo novo. E a filosofia da práxis parecia para Gramsci uma boa forma de realizar este ato, uma vez que na filosofia da práxis o que o homem tinha em sua visão de mundo no senso comum não era eliminado, porém era lapidado para ganhar contornos novos e melhorar sua visão crítica.

O professor que tiver uma boa formação e conseguir ser esse intelectual orgânico de Gramsci rompe com uma filosofia de manter os alunos no seu lugar e ajuda-os a se tornarem homens críticos, verdadeiros intelectuais capazes de forjar um bloco histórico sólido. Na perspectiva que “a filosofia é da práxis porque nasce da vontade do conjunto interessada concretamente em descobrir os nexos íntimos da realidade, as relações entre economia, política e filosofia.” (SEMERARO, 2001, p. 110)

Assim, por meio da filosofia da práxis os homens eram incentivados, seja em qual grau de conhecimento estavam a tornarem se gradativamente homens críticos na sociedade. Isto quer dizer:

A compreensão crítica de si mesmo é obtido, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, onde teoria e prática finalmente se unificam ... além do progresso político-prático, um grande progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequadas a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos. (GRAMSCI, 1995, p. 21):

Dentro dessa visão, para que o homem deixasse de ser simples e pudesse tornar-se crítico, um intelectual, ele tinha que realizar uma luta de hegemonias políticas e éticas de direções contrastantes dentro de si mesmo, o mesmo que deveria acontecer hoje nas escolas públicas brasileira, se tivesse professores formados para ser intelectuais orgânicos de sua classe, a dos professores. Para que esse homem pudesse perceber as contradições da sua própria concepção do real, e elaborar assim uma nova concepção superior a partir também de dentro de si mesmo. Porque era isto que fazia o homem nessas lutas

hegemônicas contrastantes, começar a ter consciência que ele era parte de uma determinada força hegemônica onde teoria e prática se unificava. O homem para progredir tinha que ter uma consciência política onde ele entendesse claramente que a teoria jamais era separada da prática, numa forma mecânica de raciocinar.

Mas, teórica e prática estavam juntas no homem, ou seja, que o seu ato de pensar estava fundamentado numa visão onde a política e a ética estavam necessariamente ligadas à história real do mundo. Nesse sentido, “a relação entre filosofia superior e senso comum é assegurado pela “política” (GRAMSCI, 1995, p. 19) Isto quer dizer a ação política do homem garantia a ele a superação da maneira de pensar mecânica do senso comum, e a entrada na autoconsciência crítica, como um homem intelectual unificando filosofia e história em sua concepção do real, sendo assim um participante atuante da filosofia da práxis. Portanto, o trabalho do professor nas escolas públicas brasileiras é longa, e sua eficácia depende da formação recebida por esse professor durante o período da faculdade, uma vez que ser intelectual orgânico numa escola é não se ver como uma pessoa superior, mas se compreende como uma pessoa que pode ajudar esse homem a também ser um intelectual, ou seja, uma pessoa crítica.

Por isso que, segundo Semeraro (2001, p. 110), concordando com Gramsci, a filosofia da práxis só era possível de ser gerada nas lutas hegemônicas das classes. Isto porque ela era uma filosofia que buscava contrapor concepções opostas da sociedade, tornando-se assim uma filosofia que também era política e uma política que também era filosofia. As raízes da filosofia da práxis se estendiam no terreno vivo da história, procurava se alimentar das necessidades reais de determinada época, demonstrando que todos os homens eram capazes de refletir e filosofar. Por isso as fontes do saber jamais dependiam só de mentes privilegiadas, isoladas em elaborações cerebrinas e livrescas, mas de reflexões seja de qualquer homem. Era uma filosofia da práxis para a classe, portanto, que estava profundamente ligada à vida dos homens, aos meios mais eficientes de produção e organização, o que dava sentido a existência individual e coletiva a classe.

E isso fazia toda a diferença, uma vez que além do homem adquirir esse progresso político-prático, ter autoconsciência política ligada à história, tinha origem também um progresso filosófico. Assim, para que ocorresse essa evolução na sua concepção do real tinha que acontecer uma unidade intelectual, teórica e praticamente, o que criava uma perspectiva ética adequada agora a essa sua nova autoconsciência política. E o professor pode ser responsável por essa revolução intelectual se ele for esse intelectual orgânico

fazendo a mediação entre o homem, o aluno e a sociedade onde ele vive. Assim, Gramsci salientava:

Mas quando o “subalterno” se torna dirigente e é responsável pela atividade econômica de massa, o mecanismo revela-se em certo ponto um perigo iminente...Por que? Porque, no fundo, se o subalterno era ontem uma coisa, hoje não é mais, o é: tornou-se uma pessoa histórica, um protagonista...hoje se sente responsável, já que não é mais paciente, mas sim agente e necessariamente ativo e empreendedor. (GRAMSCI, 1995, p. 24)

Como intelectual o homem simples subalterno seria visto agora como um protagonista de sua própria história, um político, sendo um agente ativo na construção de sua hegemonia para fortalecer o seu bloco cultural. Se revelando assim um perigo iminente, uma vez que sendo ativo e empreendedor, o homem subalterno começava a pensar dentro dos termos da filosofia da práxis no mundo. E nesta atividade o homem se transformava, ou seja, se ontem o homem subalterno, era uma coisa, tornava-se hoje como intelectual, um homem histórico que se sentia responsável pela elaboração de sua concepção real do mundo.

O homem subalterno agindo dentro dessa concepção da filosofia da práxis, recusaria qualquer tipo de monismo, fosse o idealista do espírito, fosse o positivista da matéria, uma vez que a filosofia da práxis se apresentava a ele em termos históricos e dialéticos. Uma filosofia que se apoiava sobre a identidades dos contrários no ato histórico concreto, sendo uma atividade humana real, indissolavelmente ligada a uma certa matéria organizada na história, e transformada pelo homem intelectual. (SEMERARO, 2001, p. 104) Assim, a filosofia da práxis desenvolvia no homem a capacidade crítica de dominar e dirigir a realidade política concreta no mundo, e o professor, dentro de sua formação, era quem primeiro demonstrava e incentivava nos seus alunos essa sua vontade de dominar e dirigir essa realidade política no mundo, desde a escola até a sociedade civil e política.

Pensamento Crítico dos Intelectuais

Assim, para Gramsci era só com essa elevação intelectual crítica de toda a classe popular de homens simples, sem se restringir a uma pequena parte dela, que seria possível dar personalidade a toda essa classe, até aqueles homens que insistiam em viver ainda no amorfo, na filosofia espontânea do senso comum. Isto quer dizer, para um movimento

cultural que pretendia substituir o senso comum, as velhas concepções de mundo em geral era fundamental, primeiramente, fazer todos os homens dessa classe passar a pensarem como intelectuais. No sentido que era uma necessidade, para qualquer movimento cultural que pretendesse atingir uma concepção de mundo dominante no seu bloco social e cultural. Como afirmava Semeraro (2001, p. 102): “Era preciso, portanto, elevar a “filosofia da práxis”, “vulgarizada” na vida prática imediata, ao ponto que devia atingir para a solução das tarefas mais complexas que o decurso atual das lutas propõe, ou seja, até a criação de uma nova cultura”.

Nas escolas públicas brasileiras essa realidade deve acontecer do mesmo modo. Os professores preocupados com um bom desenvolvimento intelectual de seus alunos, buscam intervir na sua realidade de aprendizagem, demonstrando a verdadeira história política e social, e tornam cada um desses alunos um intelectual orgânico de sua classe. Para os professores a preocupação é com o desenvolvimento de seus alunos e não com o que vai agradar o Estado.

No sentido que essa filosofia fornece a classe dos homens simples uma concepção nova e original do mundo, ao exigir nesse novo projeto hegemônico um novo tipo de intelectual e de cultura, a partir da própria maneira de pensar do senso comum. Com a filosofia da práxis há o nascimento de uma nova maneira de conceber o homem e o mundo, onde essa nova concepção nunca é reservada somente aos grandes intelectuais. Mas, a todos os homens que se tornam intelectuais e filósofos ao desejar progredir dentro de uma filosofia crítica. Por isso, para Gramsci:

Dá ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o ponto central. Neste sentido, o verdadeiro filósofo é - e não pode deixar de ser - nada mais do que o político, isto é, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que o indivíduo faz parte. (GRAMSCI, 1995, p. 40)

Assim, o verdadeiro filósofo era o homem político para Gramsci, uma vez que esse homem lutava para modificar o seu ambiente onde vivia, alterando as relações das quais ele fazia parte. Isto quer dizer esse filósofo na medida em que era considerado um homem político tornava se ativo em seu ambiente. Ele desejava modificar esse ambiente onde ele se via agora como sendo o ponto central, e que determinava o conjunto das principais relações. No sentido que nessa sua caminhada de transformar o ambiente exterior,

automaticamente transformava também a sua própria personalidade, isto é, a si mesmo, agora ele se via como um intelectual, mesmo que dentro ainda de uma filosofia espontânea.

Para se compreender uma filosofia da práxis em oposição a uma filosofia espontânea em Gramsci era fundamental entender a questão da união entre história e filosofia. O ponto de vista crítico para que cada homem fosse um intelectual para sua classe, se iniciava quando este homem munido de suas próprias informações geradas no senso comum começava a questionar o mundo onde ele vivia. A partir desse questionamento, dentro de uma visão histórica, e não se contentando com as respostas dadas, preferia pensar numa filosofia coerente do que aceitar do mundo passivamente a marca de sua própria personalidade. Era nessa fase que se compreendia que todo intelectual era um político para Gramsci.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e a sociedade civil**. Petrópolis: Vozes., 2001.